
EDITORIAL

1. *A recente guerra no Golfo vem sendo objecto de vários estudos e análises, em múltiplos domínios, incluindo naturalmente aqueles mais directamente relacionados com a arte e ciência militares. Alguns pontos são, desde já, merecedores de reflexão, pelo seu potencial interesse para a defesa nacional e, mais especificamente, para a defesa militar do País. Salientaremos, de momento, três:*

- o significado e importância do factor humano;*
- as relações entre o sistema de serviço militar, nos países mais desenvolvidos, e a liberdade de acção política;*
- a importância material e psicológica da fortificação permanente e de campanha.*

2. *Um primeiro aspecto que tem sido pouco salientado e que é aparentemente surpreendente é o seguinte: um País de apenas 17 milhões de habitantes (isto é, pouco mais de vez e meia a população de Portugal), relativamente atrasado e com graves tensões internas de cariz étnico-religioso, conseguiu levantar, instruir e manter um Exército da ordem de um milhão de homens, que evidenciou um elevado grau de disciplina e excepcionais qualidades morais, capaz de desafiar a maior potência mundial e de fazer crer, à generalidade da opinião pública, que, à excepção dos EUA, na situação do momento nenhuma outra potência (ou mesmo combinação de potências) estaria em condições de se opor à consecução dos objectivos apregoados pelo governo do Iraque.*

A sua derrota exigiu o mais vasto, complexo e sofisticado sistema de forças metodicamente implantado desde a Segunda Guerra Mundial, que incluiu não só um sistema de reconhecimento e informação à distância sofisticadíssimo, eficaz, e que

não foi significativamente perturbado, mas sobretudo um sistema de apoio aéreo do mais elevado grau de desenvolvimento tecnológico, sem paralelo no passado, e que pôde, praticamente, actuar com inteira liberdade de acção, sem opposição minimamente eficaz e num terreno e sob condições meteorológicas quase ideais. Esse Exército, instalado em posições fixas e abdicando da manobra, em terreno totalmente aberto, resistiu durante um mês, sem deserções ou quaisquer outras manifestações de quebra do moral, ao maior, mais violento, sistemático, prolongado e preciso bombardeamento aéreo da História, obrigando para a obtenção da decisão, e porque se não verificou o esperado desmoronamento das defesas, a um empenhamento do sistema de forças terrestres do adversário. E se este, ao fim e ao cabo, triunfou de forma fulminante, com simplicidade e praticamente sem baixas, tal ficou a dever-se a uma manobra genial, que ficará nos anais da história militar, e que permitiu, através de um súbito torneamento com uma poderosa massa de forças terrestres e aeromóveis, cair de surpresa e em profundidade sobre as retaguardas do adversário, isolando-o, obrigando-o a inversões de frente, desarticulando-o e batendo-o por partes e evitando o desgaste de qualquer acção frontal até ao desmoronamento da organização defensiva adversa.

3. *Um segundo aspecto digno de nota relaciona-se com a influência do tipo de sistema de serviço militar na capacidade de projecção de poder, pelo menos no quadro das sociedades ocidentais. As forças americanas e europeias presentes no Golfo eram todas compostas por militares voluntários ou contratados. Verificaram-se no seio de algumas forças armadas e das opiniões públicas dos respectivos países manifestações evidentes de rejeição da inclusão de conscritos em intervenções fora do território nacional na pressecução de objectivos que não sejam susceptíveis de produzirem uma forte adesão popular, por não traduzirem, de forma inequívoca e generalizadamente sentida, interesses nacionais vitais. Há, assim, fortes indícios que levam a supor que os Países desenvolvidos que pretendam ter capacidade para projectarem poder militar deverão dispor, para o efeito, de forças*

com elevado grau de profissionalização. Caso contrário, poderão não dispor, quando necessário, de liberdade de decisão política, por pressão da opinião pública.

4. Finalmente, os trabalhos da fortificação permanente e de campanha levados a efeito pelo Iraque, de forma paciente, organizada, sistemática e prolongada, mesmo em regiões fortemente desfavoráveis, acresceram espectacularmente a capacidade defensiva e de resistência das forças iraquianas e permitiram mitificar e mistificar a realidade a um ponto tal que foi possível, com frequência, ludibriar o sofisticado sistema de reconhecimento e informação adverso e, acima de tudo, desequilibrar psicologicamente esse adversário, levando-o, em regra, a sobrestimar as possibilidades iraquianas e a manter-se receoso de golpes de surpresa.

5. Portugal tem uma população pouco inferior à do Iraque, apreciavelmente desenvolvida, e dispõe de um território descontínuo, variado e delimitada acessibilidade. Mas, com base na pequena dimensão do território e população e na relativa escassez dos recursos, são frequentes as vozes, tidas por incontestáveis, que afirmam ou insinuam que Portugal está condenado a ser apenas mero objecto ou agente das estratégias de outras potências, usufruindo, quando muito, de uma independência apenas nominal. A haver um problema, estará a essência deste em razões quantitativas? Os exemplos do Iraque, do Afeganistão e de muitos outros países que defrontaram potências aparentemente muito superiores evidenciam que a resposta é negativa. Aliás, no século XV, menos de um milhão e meio de portugueses, com elites adequadas, foram suficientes para se descobrir meio mundo e construir um império.